

Ana Paula Avelar

Universidade Aberta

De um Orientalismo em Portugal: Memória da viagem ou a revelação do exótico em Adolfo Loureiro

Ao tomar como tópico desta reflexão a expressão de um Orientalismo em Portugal, em torno da memória da viagem, ou a revelação do “exótico” em Adolfo Loureiro, enquadrando-a numa área que analisa o modo como se construiu, num tempo de longo, o Orientalismo em Portugal. O percurso investigativo que aqui subscrevo visa aprofundar o modo como em Portugal se foi construindo e intuindo o Orientalismo, enquanto movimento cultural, e as repercussões que teve no discurso historiográfico ao longo dos séculos. Determinar-se-á como este discurso participou nesse movimento e o corporizou.

Analiso assim um autor, Adolfo Loureiro (1836-1911), engenheiro e militar que escreveu, para além de várias publicações técnicas, textos poéticos e relatos de viagem¹. Tomo como objecto de estudo a sua narrativa *No Oriente – de Nápoles à China*, um diário de viagem por mar, publicado em dois volumes, respectivamente nos anos de 1896

¹ Nasceu a 12 de Dezembro de 1836 e faleceu a 22 de Novembro de 1911, reformando-se em 1902 como general de divisão. Ocupou vários cargos, entre eles o de vogal da Comissão Central Permanente de Piscicultura, sendo engenheiro director da 1.ª secção hidráulica do Ministério das Obras Públicas, vice-presidente da Sociedade de Geografia, director das obras do Mondego e barra da Figueira, director interino das obras públicas do distrito de Coimbra, director das obras da Penitenciária e da Escola Agrícola de Coimbra, director fiscal das obras do Porto de Lisboa, director geral das Obras Públicas e Minas, conselheiro de Sua Majestade. Entre os seus textos encontramos colectâneas de poemas como a intitulada, *Espinhos e Amores* que saiu publicada em Coimbra no ano de 1859 ou a descrição da sua viagem por terras asiáticas, *No Oriente, de Nápoles à China*, que é objecto deste trabalho, ou ainda textos de cariz técnico como *Sobre o Mondego e a barra da Figueira, sob o ponto de vista da navegação, da agricultura e da saúde pública*.

e 1897. Um texto que entendo como um *discurso*, subscrevendo a definição de Roger Fowler:

‘Discourse’ is speech or writing seen from the point of view of the beliefs, values and categories which it embodies; these beliefs etc. constitute a way of looking at the world, an organization or representation of experience-‘ideology’ in the neutral non-pejorative sense. Different modes of discourse encode different representations of experience; and the source of these representations is the communicative context within which the discourse is embedded²

O texto de Adolfo Loureiro convoca uma vivência, a de um orientalismo em Portugal, e integra o seu discurso historiográfico, pois nele se manipulam conceitos construtores, entre os quais sinalizo, pela sua centralidade, os de História, império, identidade, nação e memória. Não se inclui de imediato nesta enunciação os conceitos de maravilhoso e de exótico, que, embora sejam modeladores formais do discurso orientalista/orientalizante, consubstanciam o “pathos” e não o “ethos” discursivo como acontece com os anteriormente mencionados.

Importa ainda referir que as fronteiras conceptuais do Orientalismo em Portugal se constroem num tempo dilatado, através de um exercício interdisciplinar, onde dialogam os instrumentos hermenêuticos praticados, seja pelos estudos de cultura, seja pelos estudos pós-coloniais. Quando axialmente se recorre ao conceito de orientalismo é ao da matriz saidiana³, vinculado à expressão e representação cultural e ideológica, que suporta instituições, vocabulário, escolas, imaginários, estilos coloniais e outros. Reconfigurada esta matriz em cânone,

² Cf. cit. Sara Mills, *Discourse* (London and New York: Routledge, 1997), p. 6.

³ “The Orient is an integral part of European *material* civilization and culture. Orientalism expresses and represents that part culturally and even ideologically as a mode of discourse with supporting institutions, vocabulary, scholarship, imagery, doctrines, even colonial bureaucracies and colonial styles”. Edward W. Said, *Orientalism* (New York: Vintage Books, 1994) p. 2.

projecta-se num tempo longo a sua historicidade a par da dos estudos orientais⁴.

Por outro lado, ao tomar-se conceptualmente o binómio Estudos Orientais *versus* “Orientalismo”⁵, a definição espacial de Oriente emerge como objecto teórico, pois ao historiografar-se a definição de Oriente é a imagem de um espaço que se postula. Como defende Martine Joly, a imagem é antes de mais algo que se assemelha a qualquer outra coisa, não sendo a própria coisa, tendo a função de a evocar e de a significar, recorrendo à semelhança⁶. Tal prática emerge em Adolfo Loureiro, no modo como elabora o seu mapear de um espaço. Veja-se, só a título de exemplo, pois a estratégia narrativa é recorrentemente empregue, como o autor evoca luminicamente o pôr-do-sol nas águas de Malaca, contrapondo o conhecido ao novo:

(...) foi hoje de um brilhantismo e beleza admiráveis. Todo o horizonte se apresentou afogueado, com um franjado de ouro deslumbrante, tomando o sol a forma de um globo enorme de fogo, às faixas de diversas gradações, desde o rubro vivo e reluzente até ao roxo sanguíneo. Quantas vezes vi na costa oceânica de Portugal um pôr-do-sol assim! ⁷

⁴ “Until the late nineteenth century, Orientalism had little in the way of institutional structures and the heyday of institutional Orientalism only arrived in the second half of the twentieth century. The research institutes, the banks of reference books, the specialist conferences and the professional associations came then.” Robert Irwin, *For Lust of Knowing – The orientalists and their Enemies* (London: Penguin Books, 2006) p. 7. Veja-se igualmente Ana Paula Avelar, “Construindo um conceito: o Orientalismo nos primeiros escritos portugueses sobre a China e Macau”, in Ana Paula Laborinho e Marta Pacheco Pinto, *Macau na escrita, Escritas de Macau* (Lisboa: Edições Humus-CEC, 2010), pp. 81-92.

⁵ Refira-se que na recente exposição sobre esta temática na Tate Gallery, *The Lure of East – British Orientalist painting*, ainda surgiu como premissa estruturante da mesma a necessidade de definir a *localização do Oriente*, apesar do seu objectivo inicial ser: “(...) the history of British Orientalist imagery, which was accepted in its own day as a peculiarly truthful form of art and, inasmuch as it disavowed flagrant fantasy, different from some of the most well-known examples of the French variety of Orientalist painting.” Nicholas Tromans, *The Lure of the East – British Orientalist painting* (London: Tate Publishing, 2008), p. 10.

⁶ Cf. Martine Joly, *Introdução à análise da imagem* (Lisboa: Edições 70, 1999), pp. 38-39.

⁷ Cf. Adolfo Loureiro, *No Oriente de Nápoles à China (diário de Viagem)* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1896) I, p. 260.

Significativo é igualmente o modo como a reminiscência constrói a descrição de um real. O conceito de oriente é aqui usado numa dupla acepção, seja como orientação operatória, designativo do lugar onde o Sol parece levantar-se nos equinócios, seja como incorporação de uma noção de domínio – a de um espaço territorial, participando da denominação de Ásia. Espaço que corresponde à Eurásia, estendendo-se desde o norte da Europa até ao sul da China, contendo o sub-continente indiano, o sudeste asiático, de Burma às Filipinas, e o leste asiático, fundamentalmente, China, Japão, Coreia.

Esta Ásia é também ela construída pelo olhar do Eu como pelo do Outro, mudando a sua definição em função do tempo, do espaço e do agente observador. Como Ella Shohat e Robert Stam assinalaram quando se debruçaram sobre a passagem de uma visão eurocêntrica a policêntrica, o “mito do Ocidente” e o “mito do Oriente” formam o verso e o recto do mesmo signo⁸. Na voz de Adolfo Loureiro, tal verso e recto confluem. Paradigmática é a adopção de um tempo discursivo cíclico, de matriz oriental⁹:

Desde que saíra de minha casa até o momento de achar-me de regresso a ela, tinha conhecido os paízes que mais se haviam avantajado na estrada da civilização e do progresso, desde a parte mais occidental da Península até os mais distantes confins do Oriente, tinha percorrido os logares mais ricos de recordações históricas e de antigas tradições; tinha admirado as mais ricas pompas e esplendores da natureza das regiões intertropicaies; mas na Índia, na mysteriosa e velha India, encontrara juntas, desde as barreiras que a cingem e limitam do lado norte, até á ponta mais austral do grande continente, os mais maravilhosos, os mais tocantes assumptos que haviam excitado a minha admiração.

⁸ “If Edward Said in *Orientalism* points to the Eurocentric construction of the East within Western writing, others, such as Martin Bernal in *Black Athen*, point to the complementary Eurocentric construction of the West via the “writing out” of the East (and Africa). Ella Shohat, Robert Stam, *Unthinking eurocentrism-multiculturalism and the media* (London-New York: Routledge, 1994), p. 15.

⁹ Subscrevo as palavras de que: “(...) the world is sometimes divided into ‘the West’ where history is seen as running along a straight line, and the ‘East’ where cyclical models are preferred.” Penelope Corfield, *Time and the shape of History* (Yale: Yale University Press, 2007), p. 17.

Como me ficarão indeléveis e gratas ao coração as recordações da Índia!...”¹⁰

O estudo do Orientalismo na cultura portuguesa é subsidiário de um tempo longo, o que decorre do século XVI até aos nossos dias, e não se cinge aos espaços de institucionalização permanente dos projectos coloniais. Os “olhares imperiais” do português são distintos de outros olhares imperiais de matriz europeia (francês, britânico, alemão, belga...), devendo a sua especificidade ser analisada.

Para a reconstrução desses olhares tem de se analisar os vários programas de escrita. Os textos são assim abordados como *discursos*, isto é, como declarações decorrentes de um contexto social, por ele determinadas, e que contribuem para o percurso seguido e definido por esse mesmo contexto, sempre e indelevelmente marcado pelo tempo. A reflexão crítica centrar-se-á, por isso, nos processos de narração que se desencadeiam em torno do trinómio composto pelo texto, o seu produtor, e o contexto¹¹.

Ao analisar o diário de viagem de Adolfo Loureiro, *No Oriente – de Nápoles até á China*, considero nele um discurso que se formaliza na exposição de um presente onde se projecta um eu nómada. O texto transmite a impressão mediata, que constantemente se renova pela deslocação. Confronte-se, por exemplo, alguns excertos da entrada referente a:

3 de Setembro de 1883 – O tempo é cada vez mais bello, mas o calor augmenta extraordinariamente. A navegação prosegue inalteravelmente boa, o mar é agora de um azul perfeitamente límpido e transparente (...). Ao entrar no estreito de Malaca distingue-se perfeitamente os seus frondosos palmares, os seus bosques de coqueiros e arecas, extendendo-se por um paiz baixo, completamente vestido

¹⁰ Adolfo Loureiro, *op.cit.*, II, pp. 367-368.

¹¹ Como Stuart Schaar sintetiza: “(discourse) A tradition, produced by an accumulation of texts backed up by expertise, authority, institutions, etc., which carries sufficient weight to define the substance of new texts so that individual creativity may contribute to the formation of new texts, but is not responsible for them.” in A.L Macfie (ed.), *Orientalism – A reader* (Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000), p. 192. Veja-se, além disso e como leitura complementar introdutória ao tema citado no livro, Sara Mills, *Discourse, op. cit.*

¹² Adolfo Loureiro, *op. cit.*, I, pp. 245 e 248.

de verdura até ao mar.¹²

Ao longo de todo o discurso são revisitados por Adolfo Loureiro três elementos fundadores de um “locus amoenus”: as árvores, as ervas, as águas. Tal acontece seja quando o autor descreve a terra a partir do mar, seja quando vagueia pelas ruas de Bombaim, Colombo, ou Macau Neste “locus amoenus”, a bem dizer constante, signo de um espaço de fuga mental, inscreve-se o efeito pitoresco que, nos moldes consagrados pela tratadística setecentista,

(...) consiste précisément dans le choix des formes les plus agréables, dans l'élégance dès contours, dans la dégradation de la perspective; il (le pitoresque) consiste à donner, par contraste bien ménagé d'ombre et de lumière, de la saillie, du relief à tous les objets, et à y répandre les charmes de la variété en les faisant voir sous plusieurs jours, sous plusieurs faces, sous plusieurs formes; comme aussi dans cette heureuse négligence qui est le caractère distinctif de la nature et dès grâces.¹³

Em Adolfo Loureiro, o pitoresco não é só “entrevisto” nas palavras, mas corporizado no discurso. A tente-se como a digressão por Pinang (Malaca) é descrita. Passando pelos caminhos que conduzem, como escreve, a um pequeno e pobre templo gentílico, e após um breve encontro com “um velho, trémulo guarda, de compridas, brancas e pontiagudas barbas, num campo juncado de sensitivas acácias rasteiras”, o autor declara que

(...) a amenidade do sitio, o pitoresco do lugar montanhoso e accidentado, a luxuriante vegetação do bosque, o murmúrio triste da água a saltar de rocha em rocha em fios de prata, e até o templo gentílico com o seu solitário e pobre guarda, tudo imprimia áquelle todo uma poesia doce e consoladora, que me impressionava, desejando de boa mente conservar-me ali por muitas horas. Mas era mister voltar(...) ¹⁴.

¹³ Cf. René-Louis Girardin, *De la composition des paysages* (Seysssel: Champ Vallon, 1992), pp. 20-21.

¹⁴ Adolfo Loureiro, *op. cit.*, I, p. 253.

É a deslocação do autor/actor primeiro do texto que oferece unidade ao discurso, pautando diacronicamente a sua descrição e permitindo-lhe analisar retrospectiva e prospectivamente o momento:

2 de Junho de 1884 – Algumas milhas me conservam já afastado de Bombaim, e outras tantas me aproximam da Europa. A velocidade da viagem não corresponde à impaciência da minha alma. Entrou-se na realidade chronometrica da vida e da marcha de um moderno navio a vapor.¹⁵

A viagem interior plasma-se constantemente na escrita, sob a forma de reflexão do monólogo. Em Macau, a 20 de Setembro de 1883, Adolfo Loureiro escreve:

O calor não abranda. Logo de manhã cedo principio trabalhando e entro em uma transpiração copiosíssima. Só no banho me sinto bem. A excitação moral em que me traz o empenho de dar pronto andamento aos trabalhos e a física que me produz o caril que todos os dias uso ao jantar, são bastante poderosas para vencer a atonia, a enervação a que este clima conduz.¹⁶

Mas para além da viagem marítima de Nápoles à China, o autor desvenda a sua permanência em alguns portos asiáticos e em Macau. Fá-lo, cumprindo o que Maria Alzira Seixo afirma integrar “o conjunto nocional de componentes enraizadas na existência humana (v.g. partida, chegada, projecto, realização, caminho, travessia, finalização, retorno), [subscrevendo] as coordenadas de espaço e tempo que lhe são coextensivas”¹⁷.

O discurso historiográfico deste engenheiro, general de divisão, não se objectiva enquanto tal. O seu propósito é a descrição de uma

¹⁵ *Ibidem*, II, p. 366.

¹⁶ Adolfo Loureiro, “de Longe à China”, in Carlos Pinto Santos e Orlando Neves, *De Longe à China - Macau na Historiografia e na Literatura portuguesas* (Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988), II, p. 589.

¹⁷ Cf. Maria Alzira Seixo, *Poéticas da Viagem* (Lisboa: Cosmos, 1998), p. 12.

realidade, entendida neste quadro teórico enquanto *representação*¹⁸, numa época de transição entre duas acepções diferenciadas de Cultura: a primeira como “ordenação totalizadora do mundo, aparecendo como um conjunto de classificações que asseguram a correspondência ou “convertibilidade” entre todas as dimensões do universo (...)”¹⁹; a segunda, estreitamente ligada a um tempo em que “a sistemas de sentidos heterónomos sucedem sistemas autónomos, destinados a ser completamente transformados e inventados pelos próprios homens”²⁰. Esta é uma dinâmica de secularização que se autonomiza em função das necessidades dos vários sectores culturais, desde a cultura jurídica, à ética... à artística.

Poder-se-á então dizer que Adolfo Loureiro desdobra aqui um discurso orientalista, transitivo entre duas épocas culturais e que se consubstancia através da presentificação histórica. É no presente de uma viagem, no seu dia-a-dia, que fluem as notícias, por exemplo, sobre o tratado sino-francês que adiaria a guerra iminente entre as duas potências para 1884, ou ainda sobre a erupção do Krakatôa em Sunda, ocorrida a 28 de Agosto de 1883.

Corporiza-se, *No Oriente, de Nápoles à China*, e através da tecitura dos conceitos de História, império, identidade, nação e memória, um *ethos* orientalista. Proceder-se à reconstrução da intenção e intencionalidades históricas onde necessariamente intervém a memória histórica, definida por Halbwachs como um produto artificial, exposto através de uma linguagem prosaica e ensinável, que deve desempenhar um papel social útil²¹.

O texto de Adolfo Loureiro define-se como memória de um presente histórico, participando de um processo de sacralização da recordação.

¹⁸ Subscrevendo-se Paul Ricoeur quando este afirma que: “Le mot ‘représentance’ condense en lui-même toutes les attentes, toutes les exigences et toutes les apories liées à ce qu’on appelle par ailleurs l’intention ou l’intentionnalité historique: elle désigne l’attente attachée à la connaissance historique des constructions constituant des reconstructions du cours passé des événements.” Paul Ricoeur, *La mémoire, l’histoire, l’oubli* (Paris: Editions du Seuil, 2000), p. 359.

¹⁹ Gilles Lipovetski e Jean Serroy, *A Cultura – Mundo – Resposta a uma sociedade desorientada* (Lisboa: Edições 70, 2008), p. 16.

²⁰ *Ibidem*, p. 17.

²¹ Cf. Fernando Catroga, *Memória, História e Historiografia* (Coimbra: Quarteto, 2001), p. 39.

O seu discurso distingue-se claramente do historiográfico que, segundo Fernando Catorga, subscrevendo Pomian,

constitui uma operação intelectual crítica, que desmistifica e laiciza (por contraposição à memória histórica) as interpretações, objectivando-as através de narrações que ordenam, sequencial e sucessivamente, causas e efeitos, de modo a convencerem que a sua re-presentação do passado é verdadeira.²²

Mas este é o trabalho do historiador, que Adolfo Loureiro não procurou exercer. Ele plasma a memória sacralizada, na qual emergem vários arquétipos. O império português foi, nas palavras de Adolfo Loureiro, “sempre assim: a espada e a cruz, o princípio e o fim das conquistas”. Ao referir-se a uma prédica numa igreja em Bombaim, o autor sublinha o seu discurso pleno de imagens, onde “(...) se entrelaçava o gongorismo místico de muitos sermões de há dois ou três séculos com os poético e doce dos apólogos e dos contos orientais (...)”²³. De tal condição emanaria o encantamento do Encontro entre Ocidente/Oriente, sendo o império longamente historiado. Fá-lo, por exemplo, através das evocações à presença portuguesa no passado onde a História de Portugal é revisitada desde a independência firmada pela espada de D. João I nos campos de Aljubarrota, até ao Infante D. Henrique, denominado o incansável estudioso, passando ainda pelo *venturoso* que, segundo observa “à fortuna cega, mais do que ao seu carácter e saber, deveu a felicidade de presidir á epocha mais rica e esplendorosa da nossa história, ao apogeu do seu período áureo, e sob cujo governo Vasco da Gama havia descerrado as portas do Oriente (...)”²⁴.

É no liame da História e do império, quando se sinaliza a evolução dos últimos acontecimentos ocorridos durante o domínio inglês na China, que se centraliza o discurso historicista de Adolfo Loureiro. Nas notícias de um presente histórico, pela referência as medidas tomadas

²² *Ibidem*.

²³ Adolfo Monteiro, *op. cit.*, I, pp. 179-180.

²⁴ *Ibidem*, p. 302.

para pôr termo ao negócio dos coolies, reverbera a epopeica presença portuguesa:

(...) *por mares nunca d'antes navegados* se haviam todos os dias descoberto paizes novos e ganho novas conquistas, *ainda para alem da Traprobana*, e já o pequeno povo do extremo occidente, ávido de novas aventuras, sequioso de glorias e riquezas, e exaltado pela propagação da fé, anhelava penetrar n'esse mysterioso paiz de *Cathay*, cuja civilização precedêra muito a do velho mundo, e de que as narrativas de Marco Polo e as lendárias tradições exageravam prodigiosas maravilhas.²⁵

Plasma-se no império a identidade nacional, a portuguesa, signo de uma diáspora. Veja-se como Adolfo Loureiro a evoca num momento em que deambula pelas ruas de Macau:

Dir-se-ia que me achava em uma pequena aldeia de Portugal, ao ver aqueles exemplares architectónicos, pesados e desgraciosos. O português, o português chão, conservador, rotineiro, vai para qualquer parte do mundo mas o seu espírito nacional jamais se deixa influenciar pelo meio em que se encontra, pela natureza, pela arte, pelos novos costumes, pela sociedade em que vai viver.²⁶

É esta disforia de quem vivencia o exótico a marca discursiva de Adolfo Loureiro. Atente-se ao modo como meticulosamente descreve as damas macaístas:

São em geral elegantes, de olhos formosos e vivos, com cabelos acetinados e negros, com mãos e pés delicados e pequenos. As casa são bem mobiladas e com gosto. A recepção, que nos fazem é amável. Oferecem ao visitante charutos, chá, vinho do Porto, ou doce. A linguagem *nhonha* das macaístas é muito engraçada, mas acho grande dificuldade em compreendê-la. Perguntam-me quase sempre: “*Como gostá di Macau?*”

Trajam elegantemente à europeia, mas na rua, e principalmente para irem à

²⁵ *Ibidem*, p. 303.

²⁶ Adolfo Loureiro, “de Longe à China”, in Carlos Pinto Santos e Orlando Neves, *op.cit*, 2, p. 577.

igreja, usam uma espécie de manto de seda preta, a que chamam *dó*, e em que se se envolvem, passando-o pela cabeça e deixando ver somente os olhos reluzentes e brilhantes expelindo centelhas de sob o escuro da mantilha. No traçar do *dó* revelam muita elegância e *coquetterie*, andando com uns requebros lânguidos e graciosos e deixando divisar o pequenino e bem calçado pé.²⁷

Ao “ethos” identitário, aos “mitos do Ocidente e do Oriente”, verso e recto do mesmo signo, sobreleva-se o “pathos” discursivo consubstanciado no exótico, enquanto transmutação do maravilhoso e idealização do Belo, em tudo dissemelhante ao europeu. Idealização que se projecta também na sua materialização. Recorde-se como foram descritos os templos... ou as gentes... ou se visualizaram as impressões...

Dir-se-á, por fim, que neste orientalismo em Portugal de viagens e nas suas memórias se revela o exótico e se postula um modo de estar, cuja historicidade terá de ser cuidadosamente desocultada, ouvindo-se as vozes dos que, à semelhança de Adolfo Loureiro, foram tocados *pelos indeléveis e gratas ao coração recordações*²⁸... de um *Oriente*.

²⁷ *Ibidem*, p. 594.

²⁸ Cf. *Ibidem*, II, p. 368.